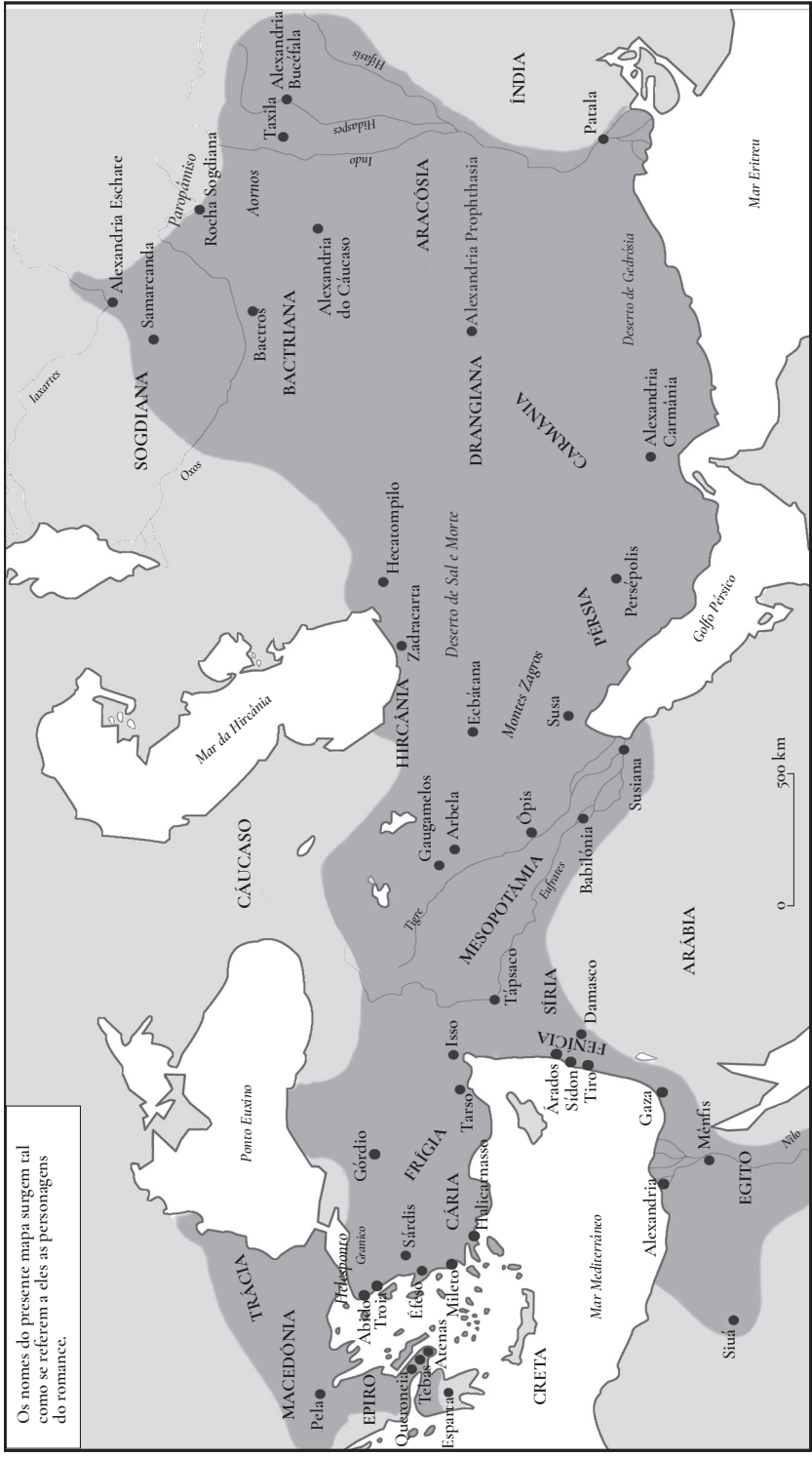


ALFONSO GOIZUETA

ALEXANDRE,
O GRANDE
O SANGUE DO PAI

Tradução
ANA MARIA PINTO DA SILVA



Os nomes do presente mapa surgem tal como se referem a eles as personagens do romance.

PRIMEIRA PARTE

O CAMINHO DA ÁSIA

1

Recordei o dia em que o mataram, ao seu pai. Recordei que não sentiu nada, pouco mais que a indiferença de um desconhecido. Foi a sensação de quem é testemunha de mais uma injustiça trivial e alheia: surpresa, sim, até mesmo fúria e compaixão para com quem sofre; mas nada que permaneça na mente mais do que apenas alguns instantes.

Fê-lo um capitão da guarda real decerto pago pelos persas, durante a comemoração de um triunfo, na frente de toda a corte. Apunhalou-o várias vezes. O sangue jorrou espesso e fumegante; era um dia de outono.

A sua mãe, essa sim, chorou e isso provocou-lhe um misto de espanto e de admiração: sabia que sentia exatamente a mesma indiferença que ele, tinham falado sobre esse assunto muitas vezes, mas isso não a impediu de rasgar o céu com o seu grito, tal como se lhe houvessem arrebatado o amor da sua vida.

Alexandre pensou que o fitava censurando-o furiosa, temendo quiçá que na hora de suceder ao trono houvesse quem se opusesse alegando que não havia amado o seu pai e que era muito provável que, por isso, fosse responsável pelo seu assassinio. Tentou de imediato procurar entre as suas recordações alguma que talvez pudesse fazê-lo derramar a lágrima antes que alguém reparasse na sua frieza, mas ao puxar pela memória deu-se conta de que se encontrava vazia, como se todas as suas recordações de filho – que as havia –, todos os pesares, os ódios, as alegrias – que os havia – tivessem voltado em força.

De Filipe II da Macedónia nunca soube o que era o amor de um pai. É verdade que nunca o tinha obrigado a nada, nem o havia mandado ganhar experiência com os nobres do norte, que não eram gregos mas sim bárbaros; tinha-o deixado na capital, Pela, com todas as comodidades, sob a tutela da sua mãe e do grande mestre Aristóteles, com um séquito primoroso de

amigos, e tinha-lhe oferecido o seu adorado cavalo *Bucéfalo*... Mas quanto a ele, à sua presença, raras vezes o encontrou ao seu lado. Na verdade, não lhe fez falta, pois quando ali estava, as suas palavras encontravam-se sempre repletas de críticas decepcionadas e insultos velados por conta da sua fraqueza e sentimentalismo. Em criança, feria-o por uma virilidade que não alcançava; em jovem, porque a que possuía não lhe parecia adequada. Nem sequer reconhecia quando triunfava. Assim sucedeu em Queroneia: foi a sua primeira grande vitória no campo de batalha. Acabava de completar dezoito anos. Para outro príncipe qualquer, um dia como esse teria constituído uma fonte de inspiração para o seu futuro reinado e de bonita nostalgia na velhice. Para Alexandre, não.

Nesse dia, confrontou-se com a dura realidade de que às vezes os filhos derramam lágrimas, sangue e coragem, chegando inclusive a arriscar-se enfrentando uma morte inútil apenas para se revelarem dignos dos seus pais, e mesmo assim não conseguem nem sequer obter um olhar de orgulho da sua parte.

Na noite anterior à sua partida dormiu com a mãe, apoiando a cabeça no seu cálido regaço para que desse modo lhe chegasse o sono esquivo. Olímpia acariciou-lhe a face com suavidade e delicadeza. Já era quase um homem – embora ainda não lhe tivesse nascido a barba, ao contrário dos seus amigos, tinha desenvolvido um corpo atlético, rosto afilado, nariz proeminente, cabelo encaracolado e escurecido, agora cor de cobre, patilhas alongadas e maxilar endurecido –, mas ela continuava a ver nele a criança inocente que desejava esconder no gineceu para que nenhum mal pudesse atingi-lo. «Volta para mim, sempre», sussurrou-lhe ao ouvido. Passou a noite inteira acordada, velando o seu sono, orando a Dioniso e a Zeus para que lho restituissem são e salvo.

A batalha foi travada num escaldante dia de agosto numa planície próxima da cidade de Queroneia, na região central da Grécia. O campo, instável devido à canícula, parecia estar prestes a derreter. Quase não soprava vento e nem a proximidade do rio amenizava o calor. Um brilho de metal cegava os olhos no horizonte: Tebas e Atenas tinham reunido numa aliança com outras cidades gregas trinta e cinco mil hoplitas, a sua poderosa infantaria pesada, para acabar para sempre com a liderança do reino da Macedónia na Grécia.

O seu rugido ao ver surgir as falanges macedónicas no cimo da colina encolheu o coração de Alexandre. Os soldados das cidades livres berravam

como bárbaros, como animais, pela defesa do que consideravam seu. Nervoso, olhou em redor para os seus *hetairoi*¹, os amigos de infância que constituíam o seu Batalhão de Cavalaria real. Estavam ao seu lado em busca de um olhar de incentivo e de ânimo.

À sua direita encontrava-se Heféstio. Era mais alto do que ele, que não o era muito, e bastante mais corpulento. A sua era a imagem encarnada dos semideuses do passado: a couraça, que lhe cobria o peito, deixava à mostra os braços de músculos rijos e bem definidos; as pernas fortes fincavam-se no cavalo; o queixo pontiagudo cravava o rosto atento no horizonte da batalha; a alma indômita e cheia de coragem brilhava através dos olhos pela ligeira ranhura que se abria no elmo.

– Fica calmo, Alexandre – disse-lhe. – Estamos contigo.

Alexandre devolveu-lhe um ligeiro sorriso. A voz do seu amigo era profunda e melódica, plena de uma segurança e de uma força que inspirava quantos a ouviam.

À sua esquerda encontrava-se Clito, o seu irmão de leite. Não era habitual que as rainhas criassem os príncipes; essa tarefa recaiu sobre a própria irmã de Clito, que pegando em cada um ao colo os alimentou no seu peito e sem saber irmanou-os para todo o sempre. Clito era apelidado de «o Negro» pela sua cabeleira de azeviche e pela barba, que logo desde muito jovem lhe escurecia o rosto por mais que se barbeasse.

Junto dele estava Laomedonte, um jovem esquelético e de espírito apagado, que quase não falava por se encontrar sempre mergulhado numa conversa consigo mesmo. Era daqueles que onde quer que fosse, caminhava cabisbaixo absorto numa leitura que se desafiava a memorizar, apesar de nunca ter sido, por isso, menos hábil com a lança e o arco.

Era seguido de perto por Nearco, o cretense. Aquele jovem de pele bronzeada e cabelo encrespado de sal tinha chegado à corte da Macedónia com nove anos de idade, proveniente da ilha de Creta. Falava com a pronúncia áspera do mar, os seus olhos azuis sonhavam com o Egeu incandescente da tarde e, nessa corte de cavaleiros e ginetes, sempre se destacou como o nadador mais valente: encontrava na água o seu elemento, como se o seu sangue fosse o mesmo das criaturas marinhas, e não se passava um dia, desde que

¹ Em grego antigo, «*hetairoi*» corresponde a «companheiros». Estes formavam a cavalaria do exército de Filipe II e de Alexandre, o Grande. (N. do E.)

chegava a primavera até que caía o inverno, que não subisse às colinas para tomar um banho nas nascentes geladas e mergulhar nelas até ao ponto onde se tornavam escuras.

E, por fim, ali estava Ptolemeu, que possuía o olhar turvo devido ao medo dos outros. Não era oriundo da grande nobreza: o seu pai era um humilde funcionário palaciano; da sua mãe troçavam alguns dizendo que vendia muito barato o seu amor aos generais. Nada, salvo uma clemência insólita do rei Filipe, podia explicar que aquele jovem enxuto, de pequenos olhos penetrantes e nariz tão proeminente que projetava sombra sobre os lábios tortos, tivesse acabado por ser educado ao lado do príncipe e viesse a tornar-se um dos *hetairoi*.

– Não percais a concentração. Mantende-vos sempre alerta – disse-lhes o general Parménio, a quem Filipe havia encarregado o comando da ala e a segurança de Alexandre.

– Já antes estivemos na guerra, general – deixou escapar o príncipe.

– Sim... As tribos do norte lutam com tenacidade, mas a guerra de verdade só se trava entre homens iguais – respondeu-lhe.

Parménio era um homem velho. Devia ter pouco mais de sessenta anos, a maioria deles ao serviço da Macedónia. Um pouco menos dos que havia dedicado à educação de Filipe. Mal se lhe enrolava o cabelo calvo na parte traseira do crânio anguloso. Tinha os olhos diminutos e inteligentes, o nariz aquilino, o queixo afilado e o pescoço muito comprido. Apesar da sua idade, era um dos melhores cavaleiros do exército, além de um guerreiro feroz. Ainda possuía a força da juventude e aliava-a agora à destreza da experiência batida e à sabedoria da idade. Era, além disso, um político hábil, um dos nobres mais importantes da Macedónia, o conselheiro mais fiel de Filipe e também o seu *strategos*¹, o comandante dos seus exércitos.

– Repara ali, senhor – apontou Parménio. Todos seguiram o seu dedo. – Distingue-se o rei pela crista vermelha do seu elmo. Sempre vai na frente: aprende isso.

– Arrisca-se a ser atingido pelo inimigo.

– Um rei não pode exigir nada às suas tropas se não for na frente delas. Um rei que se esconde na retaguarda é um rei que se perdeu.

¹ Em grego antigo, «*strategos*» corresponde a «chefe de exército». Nos dias de hoje, intitular-se-ia de General. (N. do E.)

Heféstio avançou com o seu cavalo. Pegou na mão de Alexandre, que segurava as rédeas de *Bucéfalo*, e apertou-a com força.

– Aconteça o que acontecer, estarei perto de ti e protegerei a tua retaguarda.

Alexandre sorriu. Sentiu o ânimo mais leve por um instante.

A voz de Parménio troou:

– Senhor, o rei avança!

O estrondo da cavalaria e das falanges que Filipe comandava não tardou a chegar no ar ardente:

Alexandre inclinou-se sobre *Bucéfalo*:

– Corre veloz, amigo. Cabeça de touro, coração de Pégaso.

Parménio deu o sinal: cravaram os calcanhares nos flancos dos cavalos, que soltaram um relincho de fogo e se lançaram contra os gregos.

Alexandre distraiu-se; teve sorte por os deuses terem guiado a sua espada. Ora olhava para Heféstio para se assegurar de que estava vivo, como se vê-lo a combater o inundasse a ele próprio de força, ora procurava Filipe no horizonte de caos. O príncipe queria que o pai reparasse nele, que o visse a lutar com bravura e fervor, que o considerasse um digno sucessor do seu reino. Contudo, o rei não prestava atenção a nada onde não fosse acertar com a sua espada. A sua maneira de lutar era tosca, brutal e selvagem, mas nem por isso menos eficaz; a verdade é que era prodigioso que combatesse com semelhante ímpeto tendo apenas um olho. Era como se não o afetassem a juventude perdida nem as feridas mal cicatrizadas de guerras anteriores.

A batalha prolongou-se por várias horas. As forças eram tão iguais que em diversas ocasiões ambos os lados ponderaram a retirada e chamaram a si a vitória. O calor era insuportável: subjugava os soldados debaixo do metal incandescente das suas couraças e levantava nuvens de pó que impediam a respiração. Os vultos dos seus amigos destacavam-se sobre aquele mar revolto de violência. Alexandre seguia-os com o olhar, onde quer que fossem. E viu que se encontravam dispostos em círculo ao seu redor. Heféstio, Ptolemeu, Clito, Nearco, Laomedonte...; nenhum chegava aos vinte anos, nenhum havia conhecido nada da vida, qualquer das suas perdas teria sido mais dolorosa do que a queda de uma dinastia inteira, e, no entanto, estavam ali, a defendê-lo com uma bravura heroica. Mas a verdade é que não o defendiam apenas a ele, mas sim a todos: defendiam-se entre si, movidos

por um amor profundo e sincero, por uma convicção genuína de que se não regressassem todos, não regressaria nenhum.

Quando chegou o crepúsculo, a planície de Queroneia tinha-se transformado num campo do Hades, semeado de cadáveres humanos e equinos reduzidos a carniça. O sangue cheirava-se e sentia-se na boca, denso e metálico. Com um andar desnorteado com que dissimulavam as feridas, os sobreviventes recolhiam os corpos dos seus irmãos a fim de dispô-los em grandes piras. Os feridos eram transportados de carroça ou em padiolas agonizantes, porque sabiam o quão dolorosa ia ser a sua morte às mãos de um físico que lhes serraria uma perna ou um braço, se é que conseguissem chegar a tempo.

Alexandre sentiu uma náusea ácida subindo-lhe pela garganta. Apoiou-se em Heféstio para não cair ao mesmo tempo que a ânsia de vômito o sacudia por dentro.

– Acostuma-te à morte, príncipe – disse-lhe Parménio. – Ela é a autêntica fazedora de homens. Apressa-te, o rei quer ver-te.

Os membros do conselho real bebiam vinho e suavam-no. A um dos senescais estavam a enfaixar a coxa esquerda, onde tinha uma ferida superficial. O cheiro no interior da tenda era intenso, insuportável, deveriam pensar os rudes líderes tribais, para aqueles principezinhos refinados que escutavam lições de filosofia no meio das roseiras do jardim. Também já começava a fazer-se sentir no ar o odor das fogueiras onde eram consumidos os heróis.

Apesar de os ter mandado chamar, o rei e os seus homens mal repararam nos rapazes, que permaneceram num silêncio incómodo.

– Quantos foram os mortos? – perguntou, por fim, Alexandre.

Filipe não se virou para lhe responder.

– Esperava que fosses tu a dizer-me. – Alguém se riu do príncipe entre dentes. – Foram muitos, mas mereceu a pena. A vitória é minha e estes gregos hão de pensar duas vezes antes de se sublevarem de novo contra mim. – Sorveu o vinho da sua taça dourada. – Contaram-me que haveis lutado bem.

– Não me viste? – perguntou-lhe intrigado.

– Se te confiei um dos meus flancos foi para não ter de te supervisionar, trata-se de uma prova de confiança – respondeu-lhe severo.

– Não me referia a que tivesses que vigiar os meus movimentos.

– Querias o quê? – retorquiu-lhe com rispidez. – Que ficasse ali parado para te admirar e para te aplaudir? – Alexandre balbuciou algo, mas Filipe interrompeu-o furioso. – Na guerra só deves estar atento ao teu inimigo,

tratar de esquivar os seus golpes e desferir os teus, isso se fores um mero soldado, e de planejar os ataques de todas as tuas tropas e desviar-te dos golpes dos adversários se fores um capitão. Contou-me Parménio que os teus amigos não arredaram pé do teu lado, é verdade? – perguntou olhando para os jovens, que assentiram depois de hesitar se haviam de responder. – Concentra-te na batalha em vez de esperar pela aprovação dos outros e não necessitarás que estejam atentos a ti. Aprende estas lições da guerra e prepara-te para receber as da paz. Os atenienses foram derrotados e agora partirás e trazer-me-ás a paz nos termos seguintes, recorda-os bem: queremos usar a sua frota, é a mais poderosa da Grécia, consegue-a para mim e dissolve a Liga ateniense¹, a sua coligação de cidades, mas faz com que não voltemos a tê-los contra nós.

O príncipe mordeu o lábio inferior e cerrou os punhos.

– Como ordenares, meu senhor – respondeu-lhe num fio de voz ainda sem o olhar de frente, abandonando em seguida a tenda na companhia dos *hetairoi*.

¹ Também chamada Liga de Delos. (*N. da T.*)

2

Nessa noite, não conseguiu conciliar o sono. O cheiro das cinzas humanas fazia-lhe arder o nariz e a boca. Sucediavam-se na sua cabeça imagens e palavras: o seu pai a repudiá-lo, virando-lhe as costas, os gemidos dos moribundos, os corpos dos mortos apodrecendo ao sol.

E então surgiu também na sua mente sonolenta Nectanebo, o bruxo ao serviço da sua mãe, contrito e ensanguentado no fundo daquele precipício. Há já alguns anos que tinha conseguido esquecer aquela visão e, no entanto, regressou aos seus pensamentos nessa noite em que tanta falta sentia do amor de pai que Filipe lhe negava.

Com relutância, ainda se recordava muito bem desse homem. Tinha sido o terror da sua infância. Os seus amigos para o assustar, diziam-lhe que se tratava de um antigo deus egípcio, desses que eram metade homem, metade monstro.

Nectanebo esteve desde sempre na corte da Macedónia, mesmo antes do seu nascimento, que assistiu e do qual se encarregou. Todos o temiam e veneravam, inclusive os que o odiavam, pois gozava do favorecimento real. Era adivinho, sacerdote e feiticeiro proveniente do país dos faraós. Quando Filipe partia para a guerra, o bruxo escapulia-se até à alcova da rainha Olímpia, com quem passava a noite inteira invocando deuses desconhecidos com toda a sorte de feitiços a fim de o favorecer na batalha. Foi assim que o seu pai conseguiu unificar as pólis gregas e consolidar a Macedónia como o primeiro e o maior dos Estados helenos.

Durante aquelas sessões rituais, Alexandre, que sempre dispunha de toda a liberdade para entrar nos aposentos da mãe e nunca tivera que esperar à porta, nem mesmo quando ela se encontrava na mais completa nudez, estava proibido de entrar. Sempre respeitou aquela ordem, mas não sem sentir essa curiosidade perigosa de que, uma vez satisfeita, todas as crianças

acabam por se arrepender. Contudo, uma noite, tinha doze anos, aborrecido ou entristecido por algum motivo, esmurrou a porta esquecendo-se de que estava a decorrer uma sessão e esta cedeu. Precipitou-se para dentro do aposento a choramingar e então viu-os. As cortinas do dossel estavam corridas, mas percebia-se com clareza dois vultos no leito. Uns olhos furiosos e negros como tições cravaram-se nele. De entre as sombras levantou-se o tétrico garanhão egípcio. Chegou a vislumbrar a mãe nua sobre os lençóis revolvidos antes de Nectanebo o agarrar e o expulsar dali aos empurrões.

– A rainha está a falar com o deus, príncipe. – E dito isto fechou a porta de chofre.

Nunca esqueceu o desprezo com que aquele estranho, que tal como ele partilhava a peculiaridade de ter um olho de cada cor, o afastou da sua mãe.

A ela nada censurou, acreditava que estava enfeitiçada pelo bruxo e incapaz de ter resistido. Quando quis falar com ele constatou que o homem evitava todas as conversas que abordassem esse tema. A sua mente havia reconstituído a imagem de modo que fosse outra mulher, e não a sua mãe, quem havia surpreendido a contorcer-se adúltera entre as coxas do sacerdote egípcio. No entanto, isso não impediu que na lucidez escura da insónia se apoderasse da sua mente a imagem do bruxo e o desejo furibundo de matá-lo.

Pouco depois foi visitá-lo e pediu-lhe que nessa noite o acompanhasse até à montanha, porque queria que lhe explicasse as estrelas sob as quais havia nascido. O sacerdote, para sua surpresa, não levantou objeções. À hora do ocaso abandonaram o palácio sem serem vistos e começaram a andar na direção das colinas que o rodeavam. Sobre eles abateu-se a escuridão, que de repente se encheu de centenas de estrelas que adornavam o firmamento.

– Atrasei o teu parto para que nascesses precisamente sob os astros indicados – explicou-lhe ao mesmo tempo que caminhavam pelo caminho pedregoso.

Ninguém sabia qual havia sido o horóscopo do glorioso Aquiles nem o do grande Héracles, seus antepassados, mas de certeza que não era tão perfeito como o seu. E isso porque Alexandre havia nascido sob um céu desenhado pelos próprios deuses.

Foi na madrugada de 21 de julho. Tal como lhe havia dito, o egípcio não consentiu que ninguém entrasse nos aposentos da rainha nem mesmo quando as contrações já a faziam gritar de dor e suplicar a morte. Olímpia

ansiava por se libertar daquela criatura feroz que lhe havia devorado o corpo e a alma a partir de dentro, mas o sacerdote não lho permitiu. E enquanto a deixou a contorcer-se e a debater-se contra o filho que lhe dilacerava as entranhas, assomou à sacada e observou com atenção as posições dos astros na abóbada celeste.

Contemplou o espaço profundo, onde brilhavam muito longínquos o planeta de Zeus e o de Cronos com os seus anéis de ouro. O primeiro continuava fixo entre os dois Gémeos, vaticinando glória, e nessa noite tinha-se reunido a ele o planeta vermelho de Ares, deus da guerra. O Cronos encinzado, o pai que impõe os limites, brilhava receoso entre as pinças do Caranguejo. Nectanebo observou-o curioso e chegou à conclusão de que aquele que ia nascer também esticaria o braço em demasia, como o grande titã, também desafiaria todas as convenções; os seus passos levá-lo-iam mais além de qualquer limite, mais além de qualquer sonho e de qualquer ambição. Vinha aí um filho da História que não deteriam nem os homens, nem os reis, nem os deuses.

De repente, um vento prateado e tépido penetrou na alcova levantando as cortinas e agitando os dosséis. À sua passagem não se apagou nenhuma vela.

– É a deusa Ártemis, senhora – anunciou; a Lua de repente brilhou com mais força. – Está aqui. Veio assistir ao parto.

As contrações intensificaram-se, mas o sacerdote ainda mostrou resistência à entrada das parteiras. Quando a Lua, que já descia pronta para mergulhar no oeste, brilhou sobre as estrelas ardentes de Leão, deu o sinal: as parteiras abriram as portas e precipitaram-se sobre Olímpia, que apertou com tanta força a ponto de recear que se lhe partissem os dentes. Entretanto, o egípcio manteve-se atento a essa Lua que desmoronava pelo céu, murmurando feitiços entre dentes para demorar as horas, deter o tempo, e para que o príncipe nascesse com a deusa pálida ainda a acariciar a juba do leão.

A Lua mergulhava no horizonte quando se ouviu o choro do recém-nascido. Nectanebo respirou aliviado.

– Nesse mesmo dia incendiou-se o templo de Ártemis, o grande templo em Éfeso – disse-lhe. – A deusa não pôde impedir, porque estava a segurar a mão da tua mãe.

O facto de o bruxo mencionar o nome da sua mãe, do seu hálito formar entre os lábios o seu nome, fez com que a alma ferida de Alexandre se

revirasse. Cerrou os dentes e conteve a fúria, não sabendo muito bem como dar vazão ao seu desejo mortal. Mas de repente viu-o: Nectanebo deu um passo em falso e escorregou sendo obrigado a agarrar-se à sua mão para não cair; o terreno era agreste, escorregadio e cheio de reentrâncias escarpadas. Os olhos de Alexandre iluminaram-se com a solução; sentiu o sangue a correr veloz e ardente nas veias.

– Que estrela é aquela ali? – perguntou apontando para o horizonte.

O egípcio sacudiu o pó da túnica e olhou para o lugar onde o dedo do príncipe apontava. Apurou a vista tentando vê-la melhor.

– Acho que é a estrela de Amon, a manifestação de Zeus no Egito.

Absorto como estava observando o céu, não reparou que se havia aproximado de uma valeta pedregosa. Alexandre seguiu com ansiedade cada um dos seus passos. Acercou-se devagar pelas costas, em bicos de pés para que não se apercesse de que se movimentava atrás dele, silencioso e sorrateiro como uma sombra, ao mesmo tempo que o bruxo continuava a falar sobre as estrelas em questão. Uma gota de suor frio tremia-lhe no sobrolho e o coração palpitava com tanta força no peito que pensou que iria rebentar. Não pôde esperar mais e, com um pontapé, atirou-o para dentro do fosso. Nectanebo caiu com um estrondo surdo e bateu com a cabeça. Alexandre espreitou a fim de olhar para ele. O seu sangue era branco. O sacerdote esboçou um sorriso estranho, como se tivesse previsto tudo aquilo, e disse-lhe com uma crepitação na voz alquebrada:

– Tal como Zeus e como Cronos antes dele, era necessário que matasses o teu pai para que o mundo fosse teu.

Alexandre levantou-se ensopado em suor frio, estava na sua tenda em Queroneia e saiu para o exterior: ao longe ainda vislumbrava um clarão amarelo das piras funerárias que nunca mais acabavam de se extinguir. Apenas se viam almas de vivos espalhadas pelo acampamento.

– Vai acordar o oficial que irá acompanhar-me amanhã até Atenas – ordenou a um dos soldados que montavam guarda.

Poucos minutos mais tarde regressou com o capitão de uma das falanges. Trazia o rosto hirtos de sono e de vinho.

– Meu senhor – saudou-o com voz rouca.

– Onde foi que os atenienses cremaram os seus?

O oficial apontou com o dedo para o ponto no horizonte onde brilhavam as piras como um falso amanhecer incapaz de despontar.

– Quero levar comigo as suas cinzas. Manda que as coloquem num grande baú para que sejam transportadas até Atenas.

– Mas, senhor, cabe aos seus generais levá-las.

– Os seus generais ou fugiram ou estão mortos. Sou eu, em nome da Macedónia, quem irá levar a paz aos atenienses. E com a paz levarei também os seus prisioneiros e os seus mortos.

– Os prisioneiros também? – perguntou incrédulo.

Teve sorte; parecia que o príncipe não se incomodava com a insolência das suas respostas.

– Sim, os prisioneiros também. São gregos, assim como nós.

– Mas constituem despojos de guerra, senhor. Cabe ao rei decidir o que fazer com eles.

– Nós não carregamos no sangue a crueldade dos persas, capitão.

– Mas, meu senhor...

– Basta – vociferou. – O rei encarregou-me de levar a paz a Atenas e regressar com a paz de toda a Grécia; não a haverá enquanto mantivermos cativos os filhos da cidade e humilhado a recordação dos que tombaram. Toma todas as providências.

Por fim, o oficial inclinou a cabeça em sinal de aceitação e cumpriu as ordens.